



16

O BOTO E AS MOÇAS RIBEIRINHAS

---



**O** moço bonito de terno branco, chapéu-panamá, cabelo preto fixado com gomalina, sorriso perfeito na boca, chegava sempre sozinho em sua canoa. Não havia festa a que não comparecesse, baile não perdia. Era só soarem os acordes da sanfona e ele aparecia, remando, remando. Onde houvesse água, e ali era o que mais havia, lá ele chegava em sua canoa.

Quem não gostava nada eram os moços do lugar e, menos ainda, os pais das moças. Porque o moço bonito conquistava todas elas. Depois, abandonava cada uma, ia-se embora, buscando sempre um novo igarapé, um outro lugar, uma nova festa, outra donzela.

Falavam que o moço bonito de terno branco era protegido da mãe-d'água. Diziam outros que era filho dela.

Bastava a sanfona tocar e ele chegava, o moço bonito. Tirava a tímida moça para dançar, ou simplesmente ia se aproximando, puxava conversa, se mostrava interessado. Tinha as palavras feito açúcar, era o que se ouvia contar dele, um perigo.

Quando o pai e a mãe e os irmãos da moça estavam distraídos, ou se ela tinha namorado e ele se descuidava, o perigo aumentava e muito.

Se o pai da moça vinha tirar satisfação, o moço logo logo conquistava sua simpatia e até sua confiança. Moço tão educado, fino, decerto de boas intenções. Que engano!

Mais tarde, os dois sumiam da vista dos demais, mas a festa já avançava noite adentro, quem se importava? A bebida agora enganava olhos e ouvidos, todos estavam felizes.

Passada aquela noite, ninguém daquela

vila nunca mais poria os olhos sobre o moço bonito. Ele sumia como tinha aparecido.

A moça ficava chorando. Os pais, os irmãos, todo mundo lamentava a desgraça da donzela, que o moço bonito abandonara esperando criança. Armados, os homens da família saíam pela mata, em vão, procurando o tal do moço.

Um dia, numa comunidade ribeirinha, essa história chegou aos ouvidos de um velho seringueiro. Aconteceu no povoado mais distante que existia nas margens daquele igarapé perdido no meio da floresta. Dali só se alcançava a capital depois de muitos e muitos dias descendo o rio de montaria, remando sem parar.

O seringueiro era homem desconfiado, cioso demais da honra e da felicidade de suas filhas. Delas, a caçula era ainda solteira e a moça mais bonita do lugar. Pretendentes não faltavam.

Naquela festa de São João, o garimpeiro pagou promessa e ofereceu ao santo a reza

do terço, seguida do levantamento de um mastro com a bandeira do milagroso batis-ta. Depois, em torno da fogueira, comida, bebida e dança, que era para alegrar a barriga e o coração.

Festejo começado, lá foi chegando pelo igarapé uma canoa trazendo um moço bonito, de terno branco, chapéu-panamá, cabelo preto fixado com gomalina, sorriso perfeito na boca.

Amarrou sua embarcação na margem e caminhou em direção à festa. Ninguém o conhecia, mas ele foi recebido como sempre se recebe um bom cristão que vem em paz.

Deram-lhe o que beber e o que comer, e os olhos do moço já estavam fixados na filha do festeiro. Moça recatada, tímida, mais bonita que qualquer outra mulher. Até as encantadas do rio, se podia imaginar, invejavam a beleza dela.

Então, a sanfona chamou o povo para dançar e o forasteiro convidou a moça para uma contradança. Quem recusaria?

A continuação da história é fácil de adivinhar. Aconteceu o mesmo de sempre, mas naquela festa de São João o final foi muito diferente.

Quando o pai da moça percebeu que o moço bonito tinha entrado na mata levando a filha, pegou sua espingarda e foi atrás. Procura que procura, achou o casal, mas chegou atrasado.

A moça já tinha sido desgraçada. O moço, quando viu o homem chegando, se levantou num pulo. Nem teve tempo de se vestir. Saiu correndo nu em direção ao rio. Seu terno branco ficou caído no chão, junto à roupa da moça, que agora só chorava, imaginando o que o destino lhe reservara. Chorava por ela, pelo moço e pelo pai.

Ao chegar à margem, o moço desamarrou sua canoa e a lançou ao igarapé. Já alcançara o meio do rio, remando alucinadamente, quando o pai da moça saiu do mato, parou na beirinha da água e fez pontaria.

O tiro da espingarda acertou o coração do

moço. Seu corpo tremeu, os olhos se turvaram de espanto, e a boca se contraiu. Não era agora o sorriso que lhe dera fama, mas um ricto de morte. Sua nudez embranquecida pela luz da lua cheia repentinamente se transformou na palidez dos cadáveres.

Da canoa desgovernada, o corpo à beira da morte tombou desajeitado dentro do rio. E sumiu num redemoinho.

O velho se virou de costas e respirou aliviado, sua vingança era justa.

Em algum lugar, na profundidade das águas, alguém se condeou.

Naquele preciso momento em que vida e morte ainda disputavam a posse definitiva do corpo condenado, mais um encantado surgiu no rio.

Por vontade e força da mãe-d'água, seu filho bonito foi transformado no boto. Desde então, o boto habita os igarapés.

Agora, toda vez que a sanfona anuncia a festa, quando os ribeirinhos se reúnem para festejar a vida, quando as moças do lugar se

juntam à espera do ansiado namorado, uma velha história se repete.

Junto à margem do rio, o boto sai da água. O sorriso sedutor de novo toma conta da cara do moço bonito. Ele veste seu terno branco, que encontra jogado no mato. O cabelo com gomalina, os dentes brancos como joias, aquele jeito de andar de quem passou parte da vida se equilibrando na canoa, ele chega à festa. Ninguém vê o encantado, a não ser a moça bonita que espera ansiosa por um namorado.

Assim, quando uma das moças solteiras começa de repente a criar barriga e o povo começa a falar, haverá quem se lembre da velha história.

“Foi o boto”, esse alguém dirá.

Filhos do boto é o que não falta entre os ribeirinhos habitantes da floresta.